

# História e memória da Renovação Crítica do Serviço Social brasileiro e latino-americano: entrevista com Leila Lima Santos

History and memory of the Critical Renewal of Brazilian and Latin American Social Work: an interview with Leila Lima Santos

Leila Lima Santos\*



Carina Berta Moljo\*\*



Daniela Leonel de Paula Mendes\*\*\*



**Resumo:** Apresentamos a entrevista realizada com Leila Lima Santos em 2023, no âmbito de pesquisas acadêmicas sobre a Renovação crítica do Serviço Social ocorrida no período de 1964 a 1985. Destaca-se o Projeto da Escola de Belo Horizonte, as articulações latino-americanas, as conexões da experiência mineira com a experiência nacional e as influências teóricas e políticas que sustentaram a construção do posicionamento crítico nos marcos iniciais da renovação profissional no Brasil.

**Abstract:** We present an interview conducted with Leila Lima Santos in 2023, as part of academic research on the critical renewal of Social Work that occurred between 1964 and 1985. The interview highlights the Belo Horizonte School Project, Latin American connections, the connections between the Minas Gerais experience and the national experience and the theoretical and political influences that underpinned the construction of a critical stance in the initial stages of professional renewal in Brazil.

**Palavras-chave:** Serviço Social Crítico; Leila Lima Santos; Brasil; América Latina.

**Keywords:** Critical Social Work; Leila Lima Santos; Brazil; Latin America

## Introdução

A entrevista, publicada com pequenas modificações e revisões na revista *Libertas*, resulta de pesquisas integradas à pesquisa em rede internacional “Serviço Social na história: questão social, movimentos e lutas sociais - América Latina e Europa (1960-2020)”. Trata-se das seguintes pesquisas: “Serviço Social crítico no Brasil, antecedentes, história e memória”

\* United Nations High Commissioner for Refugees. E-mail: liminha57@hotmail.com

\*\* Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: carinamoljo@uol.com.br

\*\*\* Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: danielaleoneljf@yahoo.com.br



(CNPq)<sup>1</sup>; “Fundamentos históricos e teóricos do Serviço Social no Brasil e em Portugal: antecedentes, memória e desafios contemporâneos” (Fapemig)<sup>2</sup>; “A virada crítica da formação profissional em Serviço Social no Brasil: o protagonismo da ABESS e os marcos históricos, teóricos e políticos” (PPGSS/UFJF)<sup>3</sup>.

A professora Leila Lima Santos nasceu no estado de Goiás, mas ainda na infância se mudou para Minas Gerais, é uma das mais importantes referências do Serviço Social latino-americano, sendo uma das “responsáveis” pelo conhecido “Método Belo Horizonte” (1972-1975), diretora do CELATS (Centro Latinoamericano de Trabajo Social), assim como uma das incentivadoras da Renovação Crítica da profissão no nosso continente.

Na entrevista que nos foi concedida em 03/10/2023, Leila Lima reconstrói o período histórico analisado<sup>4</sup>, trazendo importantes informações, memórias e histórias que nos auxiliam na reconstrução do passado recente, que ainda tem muito a ser desvendado. A leitura desta entrevista ajuda o leitor a conhecer o Serviço Social na história<sup>5</sup>.

## Entrevista com Leila Lima Santos

**Entrevistadoras:** Professora Leila, para começar, fala para nós o ano e local de nascimento e o ano e local onde a senhora se formou.

**Leila:** Eu sou absolutamente provinciana. Nasci no estado de Goiás, em 1943, vim bem pequenina para Minas, quer dizer, “sou das Minas Gerais”. Estudei até o final do curso secundário em Uberlândia, que é a minha terra; de lá, vim para Belo Horizonte para fazer Serviço Social, cujo curso ainda funcionava na rua Antônio Aleixo, anterior a sede da Praça da Liberdade. Entrei na escola em 1962 e saí em 1965, quer dizer, quando houve o golpe militar em 1964 era ainda estudante. Então, a escola, fiz aí. Já como estudante, fui assistente da diretora, na época, professora Maria da Conceição Machado, conhecida como Yá Machado, diretora do curso de Serviço Social da Universidade Católica e diretora em Minas Gerais da LBA (Legião Brasileira de Assistência), quem me convidou para ser sua monitora da cadeira justamente de Teoria de Serviço Social. A experiência como monitora me deu elementos para entender que talvez eu tivesse certa tendência para a vida acadêmica. Acho que uma pessoa que escolhe fazer

<sup>1</sup> Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UFJF (Parecer n° 6.056.692 de 12/5/2023).

<sup>2</sup> Ambas as pesquisas foram realizadas sob coordenação da Professora Carina Berta Moljo.

<sup>3</sup> Tese de Doutorado de Daniela Leonel de Paula Mendes, sob orientação da Professora Carina Berta Moljo, que pode ser acessada em sua íntegra no repositório da UFJF.

<sup>4</sup> A Renovação crítica do Serviço Social (1964-1985).

<sup>5</sup> A entrevista foi revisada e validada intelectualmente pela Leila, assim, ela é coautora do texto.

Serviço Social, por mais que ela não tenha consciência, no início, obviamente revela desde esse momento uma especial sensibilidade de serviço, de alguma outra forma, ainda que não explícita. E realmente ao ser monitora fui consciente disto. Fiz também um curto período de prática no BNH (Banco Nacional de Habitação), trabalhando com as comunidades habitacionais, beneficiadas pelo PNH (Plano Nacional de Habitação). Pouco depois e graças a uma bolsa do governo francês, fui para a França fazer uma maestria, naquela época DES (Diploma de Estudos Superiores). Permaneci três anos no ISST (Institut Des Sciences Sociales du Travail), no curso de Sociologia do Trabalho. Ao regressar a Belo Horizonte em 1969, recomecei imediatamente a trabalhar na Escola de Serviço Social da PUC e pouco depois assumi, digamos assim, responsabilidades maiores: professora, supervisora. A partir do ano de 1972 estive como Diretora da escola durante quatro anos, de 1972 a 1975. Foi mais ou menos isto.

**Entrevistadoras:** A senhora teve um protagonismo na elaboração do conhecido método BH, né? A gente queria que a senhora falasse para a gente, como que a senhora lembra dessa experiência da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Minas Gerais, mas principalmente no sentido de resgatar o que possibilitou esse novo projeto de formação. Quais foram as experiências teóricas e políticas, naquele momento, que deram o chão para vocês fazerem esse novo projeto?

**Leila:** Olha, isso aí já abordei em algumas entrevistas anteriores e escrevi também sobre estas origens. Acho que o principal que a gente tinha na época era um forte e audaz espírito de busca que ninguém continha, já que nós estávamos absolutamente motivados com novas perspectivas de mudança, queríamos inovar e essa busca por fazer algo diferente implicava, obviamente, não somente, não apenas não recuperar uma visão estabelecida, vigente. Queríamos a toda força cortar, fazer rupturas sérias com o que, na época, se chamava o Serviço Social tradicional. Quer dizer, qual era o chão que nos impulsionava? O que nos impulsionava, do ponto de vista, profissional, era construir algo distinto, algo novo, e, obviamente, isso aí vinha muito dimensionado pela experiência de toda a nossa equipe. Por um lado, a minha, inspirada no vivido em outros cantos e a das colegas mineiras com as quais nos identificávamos; havia também entre todas nós uma espécie de alinhamento com o que ocorria no mundo e sobretudo na América Latina. No meu caso, vivi e participei do processo de questionamento e ruptura com a tradicional e rígida institucionalidade da Universidade em maio de 1968 na França. Esta experiência foi muito forte, impactante e apontava claramente a uma nova formação teórica de absoluta ruptura também com o que era a formação universitária dos

estudantes franceses e europeus. Tudo tinha um lastro de ruptura muito grande, de coisas novas, e isto convergia com nossas iniciais preocupações com nossa própria formação teórica naquela época. Então, chegando ao Brasil reassumi o trabalho na escola no final da década de 1960 e início dos 1970, com tudo o que implicou o impacto da Revolução Cubana e de movimentos sociais, religiosos impulsados por uma igreja avançada, de primeira linha com iniciativas como o MEB (Movimento de Educação de Base). Esse era nosso chão... Vindo de uma família católica cristã, tive uma formação religiosa desde pequena; fui Benjamin na ação católica, na minha juventude participei ativamente da JEC (Juventude Estudantil Católica), da JUC (Juventude Universitária Católica), que, como vocês sabem, era o patamar para uma formação e ação política de maior compromisso político através da AP (Ação Popular) na época, certo? Então, qual era o chão que pisávamos? Era de muito movimento, um chão de muito dinamismo, que trazíamos, uns, do outro lado do mundo, mas que encontrava também no continente latino-americano uma conjuntura absolutamente propícia, convergente, dinâmica e muito politizada. Nossas convicções eram alimentadas pela Revolução Cubana, por uma progressista Igreja Católica na qual eu participava muito inspirada na teoria da consciência histórica do Padre Henrique Vaz e em Paulo Freire. Ademais, minha família nuclear em BH era muito próxima a Dom Serafim, Bispo e Reitor da Universidade Católica, quem inclusive, batizou meu segundo filho. Eu então estava muito ligada à igreja mais aberta e renovadora e Dom Serafim foi um Bispo e Reitor progressista, receptivo, que incentivava e estimulava visões e ações novas no interior da sua diocese e da Universidade Católica. Então, nós embarcamos nesse mundo de uma igreja aberta, de um concílio ecumênico, de um Papa João XXIII, de uma Comunidade Eclesiástica de Base, do Movimento de Educação de Base, alimentados pela teoria freiriana. Como estudante, estagiária, monitora, professora, como diretora, os elementos sempre presentes em cada momento eram estes, de muita ebulição, de muita motivação e compromisso com a ruptura com o estabelecido e com a busca de algo novo. Na América Latina, concomitantemente, estava em voga o chamado Movimento de Reconceitualização, sobretudo no Chile e Argentina. Alguns dos integrantes do corpo docente da Escola de Serviço Social de Minas Gerais, (as irmãs Quiroga, Ana Maria e Consuelo, Marilda Villela, Roberto Rodriguez e outros) participamos dos seminários organizados e coordenados pelo PTS/ISI (Projeto de Trabalho Social/Instituto de Solidariedade Internacional) que foram, digamos assim, referentes emblemáticos, que ‘abandeiraram’ e impulsaram nossa inscrição absoluta e convicta neste movimento de Reconceitualização; os seminários de Porto Alegre, Caracas, Uruguai, Ambato, são, creio, considerados os mais emblemáticos nessa história. E aí sempre estávamos como participantes ativas. Enfim, íamos alimentando-nos também de tudo isto, certo? Então, o que

nos moveu e nos impulsionou? Um pouco a experiência pessoal neste contexto mundial, inspirada nas vivências do maio de 68 em Paris, o forte impacto da Revolução Cubana no grupo progressista latino-americano, momentos também de emergência e de uma espécie de adesão a uma posição de identidade com os movimentos mais democráticos na América Latina e sem dúvida, o forte impacto do Movimento de Reconceitualização do Serviço Social no continente, como falei anteriormente. Então, nosso piso, nosso chão eram esses. Tínhamos poucas coisas claras e essa certamente era a principal: não estávamos na escola para repetir velhos esquemas de educação, assumimos com muita motivação a direção da escola para fazer uma nova gestão, com um projeto de formação teórico-prático diferenciado, buscando realmente romper com uma formação profissional que tínhamos vivido em carne própria, que conhecíamos bem, porque éramos alunas e professoras dessa escola. Achávamos que aquele não era o caminho, buscávamos novos andares, novas pistas e em adesão, em alinhamento, em consonância e coerente digamos assim, com o que passava no mundo e especialmente no nosso continente. Queríamos transformar, queríamos “revolucionar” e colocar em marcha um projeto, uma arquitetura de formação profissional acorde a tudo isto. Essa era nossa motivação básica.

**Entrevistadoras:** Sim. Claramente, houve uma articulação da experiência de Belo Horizonte com esse cenário latino-americano, muito ligado ao que a senhora disse que é o Movimento de Reconceitualização e o próprio CELATS. A senhora gostaria de falar alguma outra coisa em relação à influência latino-americana, assim, se ela foi mais incisiva, ou em que momento ela foi mais incisiva para a construção da experiência de Belo Horizonte?

**Leila:** Importante lembrar que esses seminários latino-americanos já mencionados eram facilitados, promovidos e totalmente financiados, pela fundação Konrad Adenauer (FKA) do partido da Democracia Cristã alemã. Acho que a Konrad Adenauer tinha claro qual era a natureza da inserção do Serviço Social na estrutura e dinâmica das classes sociais em nossos países. E os alemães por esta razão nos buscavam, apoiavam e propiciavam de forma regular nossa ativa participação em seminários dessa natureza por todo o continente. Na minha compreensão, a fundação Konrad Adenauer entendeu, desde o princípio, que o Serviço Social era uma profissão cujo exercício tinha como base uma especial articulação, vínculo e inserção direta junto à classe trabalhadora. Então, nessa medida, desde a época do PTS/ISI, e com maior razão a partir do período do CELATS, os alemães tiveram marcada estratégia de financiamento, de valorização, de promoção, de acercamento e apoio junto à classe trabalhadora e que o Serviço Social como profissão era também, a juízo deles, muito próxima dos trabalhadores,

com vínculos claros com a quotidianidade da classe assalariada. Então, isto ajuda a entender o significativo apoio que os democratas cristãos alemães nos brindaram e que foi fundamental na vida dos organismos que impulsionaram uma nova visão da profissão -fundamentalmente ALAETS (Associação Latino-Americana de Escolas de Trabalho Social) e o CELATS, seu organismo acadêmico, funcionando de forma estável, com caráter de Organismo Internacional através de um convenio com o ministério de relações exteriores do Peru. O Diretor do CELATS e os Coordenadores Acadêmicos tinham estatuto de funcionários internacionais com visto respectivo como residentes em Lima. Os alemães propiciaram através do PTS/ISI a realização desses seminários latino-americanos que reunia por uma ou duas semanas um grupo de destacados e qualificados profissionais que liderava essa nova forma de pensar o Serviço Social latino-americano e posteriormente destinaram recursos financeiros para a manutenção de toda a estrutura e funcionamento do CELATS (incluída a compra de um imóvel para sediar o funcionamento do Centro Acadêmico de Alaets em um importante bairro limenho, atualmente com incerta e complexa situação jurídica) com programação ampla e diversificada, em forma permanente por um longo período. A primeira diretora do PTS/ISI foi Ruth Madueno, assistente social peruana, originária da Universidade de São Marcos em Lima, uma das mais politizadas da América Latina. Ruth era, certamente, uma destacada profissional com formação diferenciada e distanciada do Serviço Social tradicional. Ruth foi substituída por Consuelo Quiroga, que havia sido vice-diretora da ESS/UCMG de Belo Horizonte nos anos 1970 e responsável pela transição do PTS/ ISI-CELATS. O CELATS foi inicialmente estruturado com três coordenadores acadêmicos dos quais um era o Diretor. Este primeiro “triumvirato” foi composto por Juan Mojica como Diretor, Boris Lima e Leila Lima como coordenadores acadêmicos<sup>6</sup>. Em acordo entre ALAETSS/ Fundação Konrad Adenauer, o CELATS contava também com a presença, em Lima, de um assessor alemão, que regularmente se reunia uma vez por semana com os coordenadores acadêmicos. A programação do CELATS contava, ademais, com um grupo de importantes investigadores sociais permanentes ou por períodos determinados: Alejandrino Maguina, Manuel Manrique Castro, Roberto Rodriguez, Walter Tesch, Carlos Urrutia Bologna, Jorge Parodi, Jorge Valenzuela, Marilda Villela, Raul de Carvalho, Myrian Gamboa, entre muitos outros. Ademais deste setor de Investigação e Pesquisa, o CELATS se estruturou com programas de Capacitação-Formação e Comunicação-Difusão a nível continental. Tínhamos, então, consciência de que se bem o projeto dos alemães não era o nosso e o nosso não era o deles, houve sim, uma convergência, uma simbiose de

<sup>6</sup> Outros destacados colegas da América Latina também integraram a coordenação do CELATS, como Norberto Alayon (Argentina), Cecilia Tobon (Colômbia) e Margarita Rosas (Peru), entre outros.

interesses compatíveis em determinado momento da história do Serviço Social com projetos vinculados a área social através do Serviço Social - PTS/ISI e CELATS em Lima - e sindical de trabalhadores assalariados na América Latina com a CLAT (Central Latino-Americana de Trabalhadores), com sede em Caracas. Perguntávamo-nos uma e outra vez sobre as razões de tudo isso e buscávamos entender os interesses “embutidos” neste projeto profissional, durante o período daqueles anos de guerra fria e de disputas das duas potências USA x URSS pela hegemonia mundial. Alemanha buscava novo lugar no mundo, queria “blanquearse” de seu passado nazista, com o holocausto e ampliar sua, até então, escassa presença na América Latina, com forte presença americana através da Aliança para o Progresso. Alemanha buscava assim uma via distinta do capitalismo americano e do comunismo soviético, através da chamada terceira via, convergente com os princípios norteadores da Democracia Cristã alemã e, portanto, da FKA e dos projetos do PTS/ISI no continente. Entendo que o grande apoio ao Serviço Social, à ALAETS e ao CELATS certamente se inscreve no quadro político mundial daquele momento. No interior do CELATS em nosso trabalho diário, os vínculos com os alemães se deram sempre em um âmbito de respeito as nossas motivações e concepções sobre o Serviço Social e nosso pensamento teórico-metodológico e fundamentalmente à extensa e intensa programação da ALAETS e do CELATS. Tivemos neste sentido uma perspectiva realista e pragmática, acorde aos parâmetros profissionais com um balanço altamente positivo frente aos logros e avanços alcançados nesta relação com a fundação Konrad Adenauer. Definíamos com absoluta autonomia e independência nossa linha de trabalho e programação no campo da pesquisa, formação e difusão de nosso mandato fundacional. Reafirmo que apesar de algumas previsíveis tensões nesta relação tivemos apoio e total autonomia para definir em forma independente nosso projeto com propostas inovadoras, tanto no âmbito da investigação como da formação profissional e de difusão de seus resultados a nível latino-americano.

**Entrevistadoras:** Leila, é muito interessante quando a senhora diz que participou do maio francês e, assim, quando a gente lê a questão do método BH (a professora Rosângela Batistoni denomina agora como “Projeto da Escola de Belo Horizonte”, já não chama mais de método BH), fica muito clara a influência do maio francês, dos intelectuais franceses na experiência de Belo Horizonte. Quando a senhora estudou lá, quais professores, autores, pessoas do movimento articulado ao maio francês influenciaram claramente sua experiência, enquanto professora e de Belo Horizonte?

**Leila:** Olha, do ponto de vista, digamos assim, do pensamento europeu, acho que a influência mais forte que eu pessoalmente tive e que certamente reverberou na nossa experiência na escola foi, sem dúvida alguma, a de Louis Althusser, de quem tive a honra de ser aluna. E como sabemos, Althusser tinha uma forte aproximação com o marxismo. De fato, a formação daqueles anos na França estava permeada por uma estreita relação entre estruturalismo e marxismo. Líamos Lévi-Strauss e Jacques Lacan no curso de sociologia. Então e, sem dúvida, Rosângela tem toda razão quando menciona a grande influência dos seminários do Althusser em minha formação. Além do estruturalismo com maior acercamento com o marxismo, através do Althusser, transitamos também por Gramsci, Lacan, Michel Foucault, Hegel, Lenin. E tudo isto atravessado pela minha limitada formação teórica e filosófica e pelo impacto que causou em nossa geração o movimento político do maio 1968. Estes foram de todas as maneiras os acercamentos teóricos que marcaram muito minha formação. Havia também muito ecletismo.... Fui aluna do Jacques Lambert, que apesar da força que tinha naquela época se enquadrava mais como um pensador modernista da sociologia política e das análises institucionais sobre desenvolvimento, desigualdades e democracia na América Latina. De fato, Lambert nunca se afiliou ao marxismo. Uma indicação disto foi que não se inscreveu nas lutas políticas dos estudantes do maio de 68. A leitura do seu conhecido livro “Os dois Brasis” lançado justamente na época do governo do Juscelino Kubitschek, abordava a problemática da marginalidade, desemprego, analfabetismo, temas orientados a uma visão mais desenvolvimentista. Havia muito interesse naqueles anos, na França, por Brasília, com todas as reverberações relacionadas com a mudança da capital do Rio para Brasília. Isto chamava muita atenção dos franceses e me perguntavam por que estudava sociologia do trabalho e não sociologia urbana...Eu estava igualmente muito impactada com o que acontecia na França, que, digamos assim, mostrou nas ruas, de forma tão radical, um movimento de ruptura total e absoluta com a velha institucionalidade da formação universitária questionada no seu formato, em sua estrutura, organização e funcionamento. As mobilizações dos estudantes no Quartier Latin nos pareciam extraordinárias, pela sua força e capacidade convocatória para mobilizações gigantescas, arrancando os “pavês” deste famoso bairro em Paris; e nos chamava muito a atenção a “relativa” repressão policial; e pelo fato de que concomitantemente às famosas passeatas do Boulevard Sain Michel e Saint German, os estamentos do SRSS (polícia francesa), ambulâncias se estacionavam nas ruas principais destes dois boulevards para atender qualquer atropelo físico aos estudantes...era algo meio surrealista para nós, estudantes brasileiros, acostumados aos ferozes níveis de repressão estudantil naqueles anos no Brasil. Como estudante, vivi de perto, em Paris, os impactos do modelo da universidade até então vigente.

No ISST (Instituto de Ciências Sociais do Trabalho), onde estudei e mencionei anteriormente, vinculado a escola de Direito e Economia da Universidade da Sorbonne, recebíamos ainda aquele tipo de formação por meio de destacadas conferências que foram justamente muito questionadas pelo movimento de 1968. Eu, pessoalmente, participei de aulas de mais de 100, 200, 300 estudantes, com professores de toga, com transmissão por televisão, tudo muito rígido e tradicional. Quer dizer, todo esse ritualismo das cátedras magistrais, toda essa estrutura tão pesada da formação universitária francesa foi absolutamente questionado nas ruas, o que provocou, como se sabe, uma ruptura e uma nova arquitetura da formação universitária, sobretudo na Sorbonne do Quartier Latin (onde eu residia e estudava) e em Nanterre. Vivíamos então com meu marido e meu primeiro filho recém-nascido num miniestúdio frente à universidade na rue da Sorbonne, ou seja, maio de 1968 tocava de forma direta a porta de meu diário viver. Então, e para mim, todo o influxo teórico, metodológico, filosófico, antropológico, sociológico francês era mais que bem-vindo. Estávamos muito imbuídos disso naqueles dias que paralisaram Paris, afetando parte da Europa (grupos estudantis radicalizados seguiam a um legendário líder alemão, Cohen Bendit...). Quando voltei ao Brasil, final de 1969, o movimento de repressão da ditadura militar era extremamente duro, vocês devem se lembrar ou recordar por relatos e leituras; período terrivelmente obscuro, bem retratado no filme “Ainda estamos aqui”... Então, era tudo muito contraditório: em Paris nas ruas com os estudantes, vivendo com emoção o maio de 1968, apoiando o movimento que buscava a quebra da estrutura e da rigidez da universidade francesa e ao regressar a Belo Horizonte me deparando com um regime de ditadura militar repressivo, muito duro, com vários mortos, muitos torturados e desaparecidos...tudo muito, muito pesado...

Então, como é que poderíamos fazer florescer um projeto profissional com todas as condicionamentos e limitações do momento político que vivíamos no país? Isso aí explica, em parte, porque essa experiência da Escola de Serviço Social de BH foi, de certa forma - isso aí também já está analisado por muitos de vocês - uma experiência singular naquele momento, muito articulada na América Latina, mas um tanto solitária dentro do Brasil; a experiência da ESS da PUC de Minas Gerais estava no holofote do Movimento de Reconceitualização e, ao mesmo tempo, quase “escondida” no Brasil. Acho que nosso novo projeto de formação profissional, de fato, foi naqueles anos mais bem acolhido e compreendido fora do Brasil.

**Entrevistadoras:** Professora Leila, na construção desse Projeto da escola de Belo Horizonte, nesses anos, teve alguma articulação com a ABESS, em algum momento?

**Leila:** Total e absoluta. Olha, eu acho que uma das coisas que tínhamos claro e que é uma fortaleza do projeto da escola, que vem sendo “destrinchado” por vocês e um dos elementos que talvez eu reforçaria seria justamente esse. Eu quase que diria que tivemos essa certa habilidade e acerto, numa conjuntura repressiva, tão fechada, entender que apesar de tudo, nós não podíamos ter uma ótica isolada da escola, dos grêmios profissionais e, sobretudo, da associação das escolas no Brasil. Tivemos uma ativa participação na ABESS sobretudo no centro oeste, no período da escola... A memória é às vezes muito traiçoeira e não me permite precisar bem alguns detalhes destes períodos. Fui também, da direção da ALAETS, porque como diretora do CELATS participava do Conselho Diretivo da ALAETS. Bom, acho então que tivemos certa lucidez para entender que a formação profissional não era isolada, nem da realidade das instituições onde nossos estudantes faziam seus estágios, mas menos ainda da categoria profissional em exercício da profissão. Cultivamos estas relações e contatos, através das mencionadas equipes de prática, integradas organicamente ao nosso projeto de formação: professores, supervisores e alunos. Construimos com acerto uma aliança e uma frente, articuladas entre a formação acadêmica, a organização profissional, a gremial e o processo de ensino, através da ABESS, que, já naquela época, tinha força relevante, expressão e capacidade convocatória. Então, foi esse tabuleiro onde não há possibilidade de mover uma ficha sem ter presente todas as demais. Isto nós estivemos sempre muito presentes. Outra dimensão que eu ressaltaria no nosso projeto, tanto da escola, quanto no CELATS e, na verdade, acho que em outras dimensões do meu trabalho, foi uma espécie de...eu diria... de sorte, porque, finalmente, nessas experiências há sempre elementos absolutamente objetivos, materiais, tangíveis e outros ponderáveis que também dependem de uma dinâmica que às vezes nos escapa. Então, nisso aí, por exemplo, acho que tivemos boa dose de olfato para conformar equipes que vinham já, digamos assim, como produto e fruto de uma consciência de um trabalho coletivo, crítico e diferenciado: não somente coletivo enquanto de todos, mas coletivo enquanto também de todos, o melhor e mais representativo. Então, contamos com os melhores investigadores, os melhores capacitadores, os melhores professores e supervisores. Fizemos também numa outra dimensão do nosso trabalho na escola, um forte vínculo com as ciências sociais. Através do ciclo básico em ciências sociais da universidade católica, convocávamos e contratávamos rapidamente os melhores sociólogos, economistas, antropólogos, filósofos para serem professores na escola de Serviço Social. E esse estar acompanhados dos melhores profissionais esteve também presente no trabalho do CELATS. Certamente, pela pesquisa que estão fazendo, vocês são conscientes de que o CELATS tão pouco trabalhou isolado, mas sim vinculado com os melhores acadêmicos e pesquisadores em ciências sociais do Peru, do Brasil e da América Latina naquele período.

Na leitura de nossos trabalhos certamente puderam identificar a presença do Lúcio Kowarick, um dos grandes pesquisadores sobre temas vinculados a políticas públicas e seus impactos nas populações mais vulneráveis. Kowarick aceitou um convite do CELATS para ditar no Equador durante 10 dias um seminário sobre Políticas Sociais com colegas de todo o continente. Buscávamos compreender melhor o significado destas políticas e seu impacto no trabalho do Serviço Social. Ademais, convocamos Carlos Vivas, argentino, também estudioso de temas vinculados às políticas sociais. Queríamos entender melhor os vínculos dessas políticas com a ação social dos assistentes sociais. Conseguimos uma aproximação grande com estes destacados especialistas para alimentar o projeto em formação dos futuros estudantes do primeiro mestrado de caráter latino-americano organizado e dirigido pelo CELATS, o MLATS (Maestria Latino-americana em Trabajo Social), vinculado à UNAH (Universidad Nacional Autónoma de Honduras), com ênfase na temática de políticas sociais. O MLATS contou com apoio do então reitor da UNAH, doutor Jorge Arturo Reyna, e do professor Guillermo Camacho, conhecidos ambos pelo compromisso com a qualidade e democratização do ensino superior no país. E esta Maestria teve diretores emblemáticos como Boris Lima e Diego Palma. E professores da estatura intelectual de José Paulo Netto. Este projeto contou também com apoio da CLACSO (Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais) e do CSUCA (Conselho Superior Universitário Centro-Americano), que buscavam a integração e o fortalecimento da educação superior pública na região. Ambos os organismos contavam com excelentes professores e investigadores destacados na América Latina que apoiaram o MLATS. Então, por isto estou sempre ressaltando essa presença de equipes de alta qualidade acadêmica e investigativa ao longo do nosso trabalho aqui e acolá.

**Entrevistadoras:** Professora, nós vamos voltar em BH, mas pensando na virada crítica da formação profissional do Serviço Social brasileiro como um todo. A experiência de Belo Horizonte foi uma experiência pioneira, mas que ficou localizada, ela não é considerada como uma virada nacional da formação profissional. Especialmente, ao longo da década de 1970, tiveram convenções da ABESS que foram muito importantes, como a convenção de Piracicaba, em 1975, a de Belo Horizonte, em 1977 e a de Natal, em 1979, quando foi aprovado o currículo, né? Então, gostaríamos de ouvir da senhora a relação da sua trajetória, da trajetória dos professores da escola, do método BH, nas convenções; se houve uma influência da história do método BH para ajudar a virar a formação profissional nacional, nesse processo da profissão como um todo; como e se teve essa articulação, na processualidade mesmo, ali, nas assembleias, em falas, intenções, em construções.

**Leila:** Sim, estas Convenções da ABESS tiveram naqueles anos um papel muito importante na definição das condições básicas requeridas para uma nova formação profissional acorde aos elementos teórico-metodológicos com os quais estávamos identificados e que eram convergentes com o Movimento de Reconceitualização do Serviço Social no continente. Algumas destas Convenções tiveram um impacto decisivo na formulação do curriculum convergente com novas perspectivas alinhadas com um pensamento mais crítico e diferenciado. Ademais destas três Convenções mencionadas por vocês, participei da XVIII Convenção da ABESS em São Luís do Maranhão em 1973, em pleno período de efervescência do método BH, que pretendia um alinhamento a esta busca de uma formação crítica e de qualidade crescente. Anos depois recebi da professora Josefa Batista o testemunho do impacto que a apresentação do Método BH causou naquele momento no grupo de professores de Serviço Social de São Luís. Participei também ativamente da XIX da Convenção de 1975 em Piracicaba. Olha, eu acho que, como todos os processos, obviamente, este também tinha suas tensões e dificuldades. Sem dúvida nós estávamos muito convencidos do nosso processo e, de certa forma, liderávamos esse movimento de repensar a formação e o exercício da profissão em articulação com a Reconceitualização. Então, nós éramos, por um lado, respeitados, escutados nessas convenções, acho que fundamentalmente isso, sim, mas havia, obviamente, uma contra visão mais conservadora, ligada, digamos, às matrizes mais tradicionais de entender a profissão, de impulsioná-la. Inevitavelmente nesses encontros sempre havia representantes destas duas visões. Então, em uma dessas convenções, há registros que certamente vocês já conhecem através de textos. De fato, em Piracicaba houve um enfrentamento expressivo daqueles tempos de tensão. Analisando hoje com mais serenidade, acho que houve certa irreverência da minha parte. Isso porque quando se é muito jovem, pode haver certa altivez quase sempre movida por motivações e forte compromisso; que também é criativa, impulsora, conduzida com firmeza pelas convicções que as animam... mas, às vezes pode ser também irreverente com certa dificuldade para ouvir e entender melhor o pensamento, as expressões e posições de nossos oponentes. Eu era então bastante mais jovem que a professora Nadir Kfoury, que era muito respeitada e identificada, por nossa equipe, talvez de forma até ligeira, como uma convicta representante do pensamento conservador da profissão. O fato é que quando fiz a intervenção sobre a experiência da escola de BH esta professora criticou severamente nosso projeto e me convidou, publicamente na assembleia da ABESS, a abandonar a carreira de Serviço Social e a experiência da escola com seu método BH porque, segundo ela, o que eu estava expondo, como Diretora, era exatamente uma negação dos princípios fundacionais básicos do Serviço

Social, de sua filosofia e metodologia de trabalho, afastando-me do que eram os referentes teóricos, metodológicos, do “legítimo”, “autêntico” e “verdadeiro” Serviço Social. A partir daí, acho que com certa irreverência, rebati energicamente, defendendo nosso projeto e posição. Houve, então, um momento de impasse, porque era, afinal, uma convenção da ABESS onde eu tinha também certa liderança. Ao mesmo tempo, a professora Nadir Kfoury era uma profissional muito reconhecida. Refletindo sobre isto e reconhecendo a respeitável trajetória desta importante figura do Serviço Social no Brasil, penso que houvera merecido, naquele momento, um trato mais respeitoso de parte dessa jovem impetuosa, totalmente convencida e comprometida com o projeto de formação que estava dirigindo em BH. Compartilho com vocês detalhes desta anedota para ilustrar o período de tensões e polarização que já vivíamos naqueles anos. Anos mais tarde e na qualidade de Diretora do CELATS, residindo em Lima, vim ao Brasil para assinar um convênio com a PUC de São Paulo em apoio à criação da pós-graduação, dos projetos de pesquisas da universidade na época. Vocês conhecem bem a importância da PUC de São Paulo na história do Serviço Social no Brasil. A Reitora era justamente a professora Nadir Kfoury e com ela iria assinar o mencionado convênio. Então, quando nos encontramos no salão da reitoria, lhe disse que queria em primeiro lugar pedir perdão pela minha altivez e pela forma altaneira como conduzi nossa discussão e debate na convenção da ABESS. Ela, obviamente, uma mulher de grande elegância e sabedoria, me acolheu calidamente com um abraço e assinamos de bom grado o convênio do CELATS-PUC. Infelizmente, não voltei a vê-la... Esta convenção de Piracicaba, em 1975, ficou bem registrada em minha memória, como um dos momentos de embate mais duros entre visões distintas sobre nossa profissão. As outras duas convenções foram igualmente muito importantes sim, mas eu acho que onde a nossa escola entrou com uma linha de frente bastante forte e incisiva, foi em Piracicaba. Mas, como relatei, isso aí se transformou em um capítulo superado e que, felizmente, foi recuperado em uma instância também de produção, de impulso, de apoio, ao que era - e continua sendo - a luminosa história da Escola de Serviço Social da PUC de São Paulo. Figuras como as pesquisadoras e professoras Carmelita Yazbek, Rachel Raichelis, Marilda Villela, José Paulo Netto e tantos outros destacados colegas falam por si mesmas.

**Entrevistadoras:** Interessante. A professora Nadir, posteriormente, foi considerada pelas colegas, professoras, como uma força muito grande dentro do Serviço Social crítico. Há registros de que ela ajudou, ela abriu caminhos, especialmente na Convenção de 1979. Então, talvez, esse posicionamento que a senhora fala, assim, de ter revisto o que aconteceu lá, talvez ela também tenha feito, porque depois foi mudando.

**Leila:** Certo. A professora Nadir Kfoury era uma dama, um respeitável ícone do Serviço Social, sem dúvida alguma e, profissional séria e comprometida com seu trabalho. Certamente, não merecia este trato de minha parte, então uma jovem entusiasta, profissional mineira em seus trinta e poucos anos...Ainda nos dias de hoje lamento aquele incidente...

**Entrevistadoras:** Então, em 1975 teve esse embate, né? Em 1977 houve a Convenção de Belo Horizonte, a senhora estava?

**Leila:** Não participei diretamente da Convenção de Belo Horizonte em 1977, pois já estava no CELATS e, para ser franca, não me lembro, sinceramente, dos temas básicos discutidos nesta ocasião.... recorrentes traições da memória....

**Entrevistadoras:** É curioso porque, em 1975, já houve uma indicação de mudança do currículo, em 1977 isso estava muito claro, mas não foi possível em 1977. Essa Convenção de 1977, ela fica muito em aberto, tanto em termos de intenção quanto de produção. Então, a gente queria entender um pouquinho porque ali não foi aprovado o novo currículo.

**Leila:** Eu também não me lembro bem, como disse. E não poderia afirmar categoricamente para vocês se o CELATS teve ou não uma participação direta nesta Convenção... Basta lembrar que foi realizada depois da crise da ESS de BH em 1975. Ademais, era um período muito dinâmico do CELATS, provavelmente, estava muito envolvida com outras iniciativas e responsabilidades como Diretora nesta ocasião. Eu não saberia dizer. E, se bem eu vinha com muita frequência ao Brasil, sempre tratando de apoiar as múltiplas iniciativas, não participava de muitas delas...cobríamos toda a América Latina.

**Entrevistadoras:** E aí, em 1979 foi aprovado o currículo, que foi na Convenção de Natal, a XXI Convenção. Em 1982 ele foi regulamentado pelo Conselho Federal de Educação. E a gente está trabalhando com uma hipótese, professora, de que essa Convenção de Natal foi um grande marco na formação profissional crítica do Serviço Social, pela decisão política hegemônica da aprovação do novo currículo. O que a senhora acha disso? Acha que faz sentido?

**Leila:** Olha, também não creio que poderia dar uma resposta muito satisfatória. De todas as maneiras, a aprovação do currículo básico mínimo para todo o país foi fruto de um processo construído coletivamente por aquelas escolas, cuja direção e professores se alinhavam a uma posição crítica renovadora preponderante no interior da ABESS. E não há dúvida que a

associação tinha uma grande capacidade convocatória, liderando naqueles anos a luta por um novo projeto de formação. A ABESS era dinâmica, propiciava debates e embates que fazem parte da nova inserção do Serviço Social na história do país. O que eu percebo de uma forma mais global, é que a força do Serviço Social no Brasil hoje é particularmente chamativa ... Estava pensando sobre o “*parangon*” das histórias, da história grande - com h maiúsculo - em consonância com nossa história, na construção deste novo Serviço Social, que logrou sobreviver graças a um qualificado corpo de docentes e a essa cobertura universitária que tínhamos naqueles anos de repressão no país; de fato, algumas universidades católicas como a de São Paulo, do Rio, de Belo Horizonte, cujos reitores e diretivos nos apoiavam e nos deixavam uma importante margem de ação, com todo o significado do âmbito acadêmico, que em geral é mais aberto e protegido....sem ignorar suas contradições. Ao mesmo tempo, é impressionante ver como o Serviço Social brasileiro foi crescendo, como foi se agigantando, como foi se empoderando e, hoje, eu diria, em uma palavra, que o Serviço Social brasileiro é potente, por diversas razões: quando se observa o que é o universo dos assistentes sociais no Brasil, com volume e uma dimensão importantíssima, resultado de tantas lutas de nossa categoria profissional. O que se avançou na regulamentação, nas novas bases da formação profissional, do currículo básico, do Código de Ética do Serviço Social do Brasil, na regulamentação do exercício profissional. Todas elas conquistas relevantes e eu diria quase únicas. Isso aí ainda não é comum nem generalizado em muitos países, até onde estou informada, certo?! E se sabe que o Serviço Social no Brasil é hoje referência latino-americana e internacional. Nossa experiência nos anos 1970 foi reverberante, criou muitas contracorrentes, mas certamente contribuiu também a construir uma nova mirada sobre nossa profissão. E, ao longo destas últimas décadas, e graças fundamentalmente a novos e qualificados parâmetros de análises, de investigação, de intervenção com consciência ética e política ao redor do que hoje se conhece como projeto ético-político, sem dúvida catapultou o Serviço Social do Brasil, na América Latina e em outros países. O Serviço Social no Brasil, hoje, goza de importante dimensão, tanto na formação profissional, quanto na organização gremial e no marco legislativo-jurídico que protege o exercício da profissão. Isso é superlativo, não tem outra palavra: é muito potente. O Serviço Social brasileiro é hoje, sem dúvida, um referente graças a esse avance que foi e segue sendo muito batalhado, graças às conquistas, às lutas e resistência dos que estão formando novas gerações, impulsando, pesquisando, produzindo investigações de qualidade, projetando essa nova presença e interlocução de nossa profissão. São avances muito importantes que gostaria de ressaltar.

**Entrevistadoras:** Professora Leila, o Serviço Social crítico e a hegemonia do pensamento marxiano, de formação na teoria do Marx, é muito forte no Brasil, se expressa na nossa legislação, etc., diferente de outros países da América Latina, se a gente pensar, por exemplo, o caso da Argentina ou do Chile, com a influência do Serviço Social terapêutico, etc. Então, para a senhora, por que no Brasil, apesar da ditadura, apesar de tudo, o Serviço Social crítico, diferente de outros países da América Latina, foi possível, e ainda é potente?

**Leila:** Olha, eu acho que é uma certa, digamos, convergência de muitas coisas. Existe muita fecundidade nas escolas e nos cursos de pós-graduação, em matéria da compreensão da natureza da nossa profissão, de seu posicionamento no mundo acadêmico e investigativo, de sua inserção no âmbito das políticas públicas. Está impulsionando novas investigações coerentes com novos desafios do momento atual, certo? Então, vocês me corrijam, mas eu entendo que hoje há mais de 30 cursos de pós-graduação, sei que há muitíssimas iniciativas de formação, a nível de mestrados e doutorados, aqui e em outras partes, além de várias pesquisas em diferentes universidades, como a de Juiz de Fora. Vocês já são também referências aqui e alhures. E, como disse, o Serviço Social brasileiro abriu um “*scope*” muito importante a nível latino-americano e mundial. O livro “*A história pelo avesso*” sobre a Reconceitualização do Serviço Social na América Latina e interlocuções internacionais, coordenado por Marilda Villela Yamamoto e Cláudia Mônica dos Santos é, sem dúvida alguma, o melhor exemplo deste grande avanço e um marco na aproximação do Serviço Social no continente e em vários países da Europa.

**Entrevistadoras:** Trinta e seis programas de pós-graduação.

**Leila:** Olha! Isso aí é uma coisa muito importante, porque, finalmente, significa um potencial muito grande para pensar, repensar, recuperar e projetar nossa profissão a um nível crescente de qualidade e interlocução junto as ciências sociais e responsáveis pela formulação e implementação de políticas públicas acordes as demandas das maiorias no país. Entendo, também que, ao mesmo tempo, houve certa massificação da formação universitária do Serviço Social no Brasil, sobretudo com os chamados cursos à distância. Nem sempre a democratização do ensino pode garantir a qualidade requerida. Outro âmbito com grande potencial no Brasil, é a capacidade convocatória que os órgãos organizativos da nossa profissão têm. É realmente impressionante o que se vê neste campo. No roteiro vocês tinham colocado o Congresso da Virada e nós ainda não falamos nisso, mas lembrei agora. O Congresso da Virada, há mais de 40 anos, teve uma grande capacidade de convocação...o Brasil é grande, com mais de duzentos

e vinte milhões de habitantes e, se bem nossa população profissional é relativamente pequenina frente à população brasileira - 200 mil profissionais -, ela é enorme como quadro profissional, com uma força gigante! E não somente é grande em termos quantitativos, ela é dinâmica, é muito vivaz, vivificante, ela é também ousada, criativa e, sobretudo, é resistente e muito audaz frente as lutas com as quais se identifica, certo? Acho que a categoria profissional brasileira, na minha forma de entender, se caracteriza basicamente por isso, ousada em suas lutas e resistente em seus questionamentos e propostas. A capacidade de luta, resiliência, resistência de nossa categoria é mesmo grande, ela é enorme. Confesso que fico muito emocionada quando vejo e constato isto. Em seus últimos seminários, podem inscrever-se mais de 4.000 profissionais! Que potência de grupo!!!

**Entrevistadoras:** A Marilda tem um papel fundamental, porque antes havia uma visão quase mágica, de que o III CBAS aconteceu com as pessoas que se reuniram e pronto, viraram a mesa; e a Marilda o tempo inteiro vai mostrando como foi fundamental o trabalho do CELATS, em conjunto com as greves, com os sindicatos de assistentes sociais etc., para articular a possibilidade dessa virada, aí o seu papel, Leila, fundamental em todo esse processo da construção.

**Leila:** Olha como são as coincidências e incidências dos processos. Na minha cabeça, eu acho que todos os processos sociais, econômicos e fundamentalmente os políticos têm, todos, digamos assim, certa dinâmica inicial, acorde aos propósitos de sua respectiva base fundacional. No começo se pode projetar, programar, organizar, impulsar determinado processo, que pouco a pouco adquire certa dinâmica própria, vai tomando um determinado caminho, andamento e, de repente, não há mais e unicamente o pensado e programado anteriormente. E ainda que a base fundacional permanece, o processo assume, pouco a pouco e progressivamente uma dinâmica e perfil distinto, próprio. Esta dinâmica própria é as vezes tão importante que realmente muda nesses processos, e o que aconteceu com o da virada foi mais ou menos isto no meu entender. Luiza Erundina, outra grande referência no quadro patrimonial do Serviço Social no Brasil, foi membro do Conselho Diretivo do CELATS, uma profissional vinculada à classe trabalhadora, ao sindicalismo. E fizemos o possível para que ela integrasse o Conselho Diretivo, decisivo na formulação da programação geral do CELATS. Este conselho era formado pela diretoria da ALAETS e por profissionais de destaque na profissão e no mundo acadêmico. Assim, chegou Erundina ao CELATS e teve um papel fundamental no Congresso da Virada. Olha, isto é um exemplo claro da dinâmica dos processos, certo? Nesse momento, Seno Cornely

tinha igualmente ativa participação nos congressos e seminários latino-americanos e no Brasil, como presidente da ALAETS. Seno Cornely nem sempre representava nossa linha de pensamento, era mais ligado ao que, na época, se chamava planificação ou planejamento, numa linha, digamos assim, com enfoque mais desenvolvimentista e nem sempre com claro alinhamento com as tendências mais progressistas...e menos ainda com as matrizes simpatizantes do marxismo. E nós, sem um conhecimento real das categorias marxistas, tínhamos esse acercamento, uma espécie de alinhamento quase natural a essa matriz, mais por convicção que propriamente por conhecimento e formação. Lembremo-nos que, naquela época, estavam iniciando-se os cursos de formação de pós-graduação, Maestria e Doutorado do Serviço Social no Brasil. Como presidente da ALAETS, Seno Cornely gozava de uma projeção enorme, era dinâmico, então, tratamos de canalizar ao máximo seus aportes, juntamente com os de Luiza Erundina, já que ambos representavam duas vertentes, duas forças, com processos, convicções e histórias diferentes. Então, estávamos no chamado Congresso da Virada, com Seno Cornely, e Luiza Erundina. E os três vinculados ao CELATS, preparando o congresso. Fizemos todo um trabalho de coordenação para apoiar este evento. Eu vim de Lima a São Paulo várias vezes para apoiar a organização e o programa do congresso, apoio que incluiu também aspectos financeiros. E neste congresso, Luiza Erundina teve um papel de liderança decisivo. Seria muito oportuno poder rastrear toda a documentação existente deste evento, registro fotográfico ou de vídeo. E a liderança de Luiza Erundina no Congresso da Virada é de uma importância singular que até hoje, quando penso, me emociona. Ela levantou literalmente o congresso, dando-lhe um giro radical para criar a famosa assembleia paralela. Em matéria de movimentos sociais, de lutas sindicais, de mobilização de massas, Luiza Erundina exerceu uma liderança única, com força extraordinária. Sua capacidade como líder e seu carisma merece também destaque nas conquistas logradas como prefeita de São Paulo. Então, e regressando à sua pergunta, por que isso? Acho que o trabalho prévio do conselho diretivo e da diretoria do CELATS, no âmbito político, e de apoio a virada da mesa neste Congresso teve importante impacto. Vocês sabem bem como foi, quando os representantes do “*establishment*” foram substituídos por uma assembleia de trabalhadores, onde estava, inclusive, o atual presidente Lula, então destacado sindicalista no ABC de São Paulo. Erundina teve, a meu ver, um papel de liderança no quadro profissional, armando uma nova arquitetura deste Congresso com sua indiscutível liderança para que o coletivo lograsse esta grande e simbólica Virada. Fato histórico da maior importância e com uma decisiva participação destes líderes nesta virada histórica.

**Entrevistadoras:** Na sua fala fica bem claro o protagonismo político da vanguarda da profissão na construção do Serviço Social crítico e dentro das instituições. Sobre a ABESS, então, está evidente que ela esteve envolvida nessa construção. Queríamos fazer uma pergunta bem objetiva, para corroborar o que a senhora já mencionou anteriormente: a senhora considera que o método BH influenciou a virada crítica da ABESS e da formação profissional do Serviço Social no Brasil?

**Leila:** Olha, eu não sei se o método BH (esforço de corpo diretivo com participação de boa parte da equipe e em forma decisiva da professora Ana Maria Quiroga), como arcabouço teórico-metodológico, com suas virtudes e falhas teve um influxo direto na virada da ABESS e da formação profissional em âmbito geral. Salientamos isto quando falamos por exemplo da XVIII Convenção da ABESS em São Luís em 1973, certo? Digamos assim, que o método BH nos ajudou a todos a analisar um pouco mais, a adotar certas categorias e sobretudo a buscar novas referências teóricas guiadas por um entendimento do profissional do Serviço Social no que diz respeito a sua natureza e suas relações institucionais. Então, não sei se o método BH tenha tido “per se” este impacto, mas o que sim acho que posso afirmar é que nos impulsionou a dar certos saltos na busca da formação de um novo profissional de Serviço Social. O método BH que se alimentou de pinceladas da matriz marxista, nos ajudou certamente a dar novos saltos, já que não queríamos repetir aqui nada de caso ou de comunidade, queríamos implementar uma formação realmente voltada para a relação do serviço social e os interesses e benefícios da classe trabalhadora. E, neste sentido, não foi por acaso que o método BH foi implementado, naquele momento, na zona mineira, no vale do rio doce e em contagem, que teve também uma greve no cinturão industrial de Belo Horizonte, muito importante na época, elementos mencionados por Rosângela. Agora, a parte metodológica, digamos assim, mais aparatosa, mais técnica, a das famosas aproximações sucessivas, da relação dialética, da teoria e da práxis - a revisão do marco teórico em função do diagnóstico e da leitura da realidade etc. poderia se considerar como algo mecânico, formal e reducionista, certo? Então, eu não vou dizer que o método BH teve, como tal, como arcabouço, tal impacto, mas sim, creio que teve uma influência indiscutível no novo projeto de formação da escola, que era algo mais totalizante e com outras dimensões. A experiência foi altamente formadora e não só para os estudantes, para nós também. Então, em síntese, o método BH como arcabouço e como tal, acho que influenciou pouco, teve um impacto relativo, mas sim o impacto real foi relacionado ao projeto global da Escola de Serviço Social, que ia muito além do método BH. É importante vocês saberem que, antes ou durante o período da formulação do método BH, nós fizemos um ciclo

de estudos e seminários sobre o marxismo na escola. Isso aí, na época, não se podia anunciar, mas nós fizemos, inclusive, com um professor da Faculdade de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais, Fausto Brito, que, naquele momento era muito destacado e a quem manifestamos nosso reconhecimento. Naquela época, a Faculdade de Economia que funcionava em pleno centro de Belo Horizonte era considerada a melhor Faculdade de Economia do Brasil. Estendemos esta homenagem a todo um grupo de professores, como Otavio Dulci, Jorge Pozada e muitos outros<sup>7</sup>. Fizemos, então, seminários internos na escola, fechados, para a direção e professores interessados, ali muito na surdina... Os tempos eram aqueles, não podíamos anunciar um seminário sobre marxismo. Isso aí para dizer que, realmente, por mais que a nossa matriz não fosse marxista, ela nos inspirava, disto aí não tenho dúvida nenhuma, basta rever a bibliografia que líamos na época<sup>8</sup>. Nos apegávamos a tudo que tinha que ver com, digamos assim, uma crítica ao imperialismo norte-americano, um esforço para entender o que era realmente nossa realidade e tudo que se identificasse com transformação, com câmbios, com mudanças. Importante dizer também que, apesar destes ciclos de alguns seminários ou sessões, não estudamos naquela época seriamente o marxismo. De nosso grupo da escola naquela época acho que Marilda foi a única pessoa que, a posteriori, realmente se debruçou seriamente sobre o marxismo e escreveu obras importantes para compreender a natureza de nossa profissão a partir desta matriz. Alguns fizemos aproximações, diria apenas básicas. Outros nem isto<sup>9</sup>...O método BH teve muita reverberância, sabe por quê? Vocês talvez conheçam um trabalho que fiz junto com o meu companheiro de vida, Roberto Rodriguez, “Metodologismo: estallido de una época”, que trata de analisar este fenômeno e que foi publicado pelo CELATS numa revista “Accion Critica”. Uma visão mais analítica e crítica. E, claro, também é sempre oportuno recordar que o problema do arcabouço metodológico vigente naqueles anos não era particularidade exclusiva da Escola de Serviço Social de BH. Muitas escolas em outros países e que tratavam de entender a natureza da nossa profissão, seu vínculo com as contradições sociais, apelaram também para vários modelos de métodos de intervenção<sup>10</sup>. Por isso, nosso

<sup>7</sup> Trata-se do debate com a sociologia crítica e a economia política, por meio da articulação com professores eméritos da UFMG.

<sup>8</sup> Além dos influxos franceses, nos influenciaram um grupo de brasileiros como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Ruy Mauro Marini, Theotonio dos Santos, Florestan Fernandes, Francisco de Oliveira, Darcy Ribeiro, Hélio Jaguaribe, Vania Bambirra, Fernando Henrique Cardoso com a teoria da dependência, e os chilenos Enzo Faletto e Martha Henecker.

<sup>9</sup> Em meu período como Diretora do CELATS, recordaria também a figura do professor José Paulo Netto, então refugiado e que colaborou com nossas pesquisas e recorrentes discussões sobre a profissão naqueles efervescentes anos.

<sup>10</sup> Argentina, Chile (Universidade Católica de Valparaíso), Colômbia, (Universidade Nacional da Colômbia, Universidade de Caldas), Venezuela (Universidade Central da Venezuela) com o MIR - método de intervenção na realidade - com ativa participação dos professores Boris Lima y Lady Fonseca, *insignes* professores da

artigo se chamou “Metodologismo: estallido de una época”. Em outras palavras, o Metodologismo não foi uma invenção exclusiva da Escola de Serviço Social de BH, mas de todas as demais escolas inscritas nessa busca para lograr uma formação diferente, com inspiração na matriz marxista. Teoria e práxis, método dialético, aproximações sucessivas etc., era a linguagem recorrente em cada um destes diferentes métodos de intervenção profissional. Cada país criou a sua forma de entender o novo acercamento à realidade, acercamento esse que priorizava a comunidade, a vigência daquele tipo de concepção humanizadora que tínhamos todos, de compromisso com os grupos mais vulneráveis, mais afetados em seus direitos. Não se falava em direitos como tal, mas nos pobres, oprimidos, nas vítimas da pobreza, das desigualdades sociais, das contradições do sistema capitalista. Essa era a nossa linguagem, própria de todos os que nos alinhamos ao Movimento de Reconceitualização latino-americano.

**Entrevistadoras:** A senhora pode falar um pouco como que se deu o desfecho da experiência do projeto em BH, considerando que ele já surge em um período super duro da ditadura. A decisão política e teórica de vocês ali enfrentou um momento adverso, surgiu no adverso e continuou nele, né? A que a senhora atribui esse desfecho tão precoce?

**Leila:** Essa é uma resposta difícil e diria que até dolorosa. Fui entrevistada há algum tempo pela professora Rosângela Batistoni, ex-aluna da escola de BH, hoje uma destacada profissional, para um artigo que fez no livro “A História pelo Avesso” e comecei a me emocionar e lhe disse: “Rosângela, sem querer estou tremendo só de refletir sobre isso”. É dessas coisas que te causam sempre emoção, por mais anos que passem. É também uma espécie de confluência e de convergência de muitas coisas. Primeiro, o contexto social, político, de violência, de repressão que vivíamos, com a vigência do ato institucional, da lei 477, do ato institucional número 5, que era muito repressivo, de ataque às universidades, às escolas superiores; esse era o panorama. Outro elemento era o surgimento, a ebulição dos movimentos políticos partidários, inclusive, mais do que isso, do início da formação dos grupos mais radicais que depois optaram pela via armada no Brasil - isso aí não é novidade para vocês. Em nossa escola havia estudantes de diferentes vertentes e linhas políticas. E eles sabiam que podiam contar conosco; o projeto da escola era um projeto inclusivo, com eles, era um projeto a partir deles, para eles, um projeto de unificação da escola como uma totalidade. Então, eles, de uma forma absolutamente legítima, tensionaram o momento e foram exigindo e, em curtas palavras,

---

Universidade Central da Venezuela.

foram estirando as possibilidades de uma pressão política cada vez maior, porque certamente isso também respondia a uma afiliação progressiva deles a esta alternativa. Intuíamos, mais ou menos, que assim era. Ao mesmo tempo, tínhamos claro que não iríamos de maneira alguma acionar medida alguma contra os estudantes. E, buscando que a escola se posicionasse mais e mais e se radicalizasse, entraram em greve. Nós éramos jovens, tínhamos trinta e poucos anos e os estudantes dispostos a romper as amarras políticas, familiares, pessoais, sociais e todas as necessárias. Todos nós vivemos esses processos. Então, chegou o momento em que, pela greve, e a partir do AI -5, da lei 477, as autoridades chegaram na universidade e pediram a lista dos estudantes em greve. Isso nos sobrepassava, pois era totalmente incompatível, inconsequente, incoerente com nossos propósitos, absolutamente impensável. Nosso projeto tinha uma conotação coletivo-participativa e uma base quase que “sobre protetora”. Apostávamos num projeto conjunto, comum, da totalidade, de professores e alunos. Então, diante do impasse, a escola em greve, nós permanecemos ali, certo tempo discutindo, refletindo, atônitos sobre o que acontecia, buscando visualizar os possíveis cenários alternativos. Até que chegou em forma direta a pressão militar. Isto marcou realmente o limite. Nesse momento, assumi grande responsabilidade e decidimos sair do processo e isto foi e, ainda é, muito doloroso para mim, e ao não visualizar saídas, desistimos. Disse aos professores que saia do processo apesar do temor do que poderia passar com os estudantes. E tratei de transmitir-lhes que já não podíamos mais, que não cederíamos e que não compactuaríamos com nada que não fosse acorde ao projeto fundacional da formação profissional. Então, houve consenso e todos os professores em massa decidiram também se demitir. E veio a *debacle*. Talvez tenha sido um ato de certa ingenuidade política, já que tínhamos ainda a esperança de recuperar o processo. Para vocês terem ideia, na minha casa, e longe do âmbito universitário, continuamos uma assembleia permanente de professores com reuniões diárias por um mês. Não acreditávamos que estávamos perdendo a batalha, mas é claro, a contraposição, a corrente conservadora estava atenta e retomou a tradicional formação do Serviço Social, porque em sua perspectiva a nossa era uma versão equivocada. Isto é mais ou menos uma representação, dolorosa, do que passou. Então, quer dizer, ao renunciar buscamos ser consequentes com nossos valores éticos, mas houve, também, uma boa dose de ingenuidade política, ao não ter podido administrar e gerenciar tão forte tensão. Acho que nos faltou visão política e certa habilidade para compreender a totalidade do momento; enfim, foi o que passou, não foi um ato individual isolado meu, nem de minha única responsabilidade. Estávamos todos nesta jogada, mas sinceramente penso também que puxei forte este cordão, e em poucas palavras, tratamos de ser consequentes com nossos valores, com nosso projeto e fomos todos arrastados pela *voragine* política e de forte repressão daqueles

anos. Algo assim como um caminho interceptado e a consequência foi o desmantelamento de uma promissora, talvez utópica e singular experiência, cujo final doeu muito, doeu muito e dói até hoje, sim, dói até hoje... Pouco tempo depois do fim da experiência de BH, o CELATS me convocou e foi possível retomar então uma estratégia muito convergente e alinhada com o que pretendíamos fazer na escola. Então, entre todos os diretivos do CELATS e ALAETS, projetamos uma ampla e diversificada programação a nível continental que, digamos assim, com erros e com acertos, como todas as experiências, teve impacto positivo. Acho que o balanço do trabalho do CELATS, vocês hoje podem dimensionar também, deixou bons frutos. Acho que isso aí também foi um pouco...o das dinâmicas de cada processo. Eu não tinha, inicialmente, uma clara ideia desse novo desafio, e vivi um curto período de transição entre estes dois projetos. Comecei a trabalhar em Lima, inicialmente, por um ano como Coordenadora Acadêmica do CELATS em 1976 e, posteriormente, como Diretora, sucedendo a Juan Mojica. A experiência da escola explodiu no segundo semestre de 1975, quer dizer, as coisas aconteceram assim de forma meio sincronizada, foram coincidências históricas, de necessidades, de demandas, de oportunidades e de muita convergente efervescência. Os processos também são assim, muitas vezes ocorrem fatores imponderáveis, não esperados, que são absolutamente emergentes, imprevistos, impensáveis. Isso aconteceu e acho que o trabalho posterior como diretora do CELATS por vários anos foi profícuo e certamente uma experiência que marcou minha trajetória de trabalho.

**Entrevistadoras:** Nos estudos que os intelectuais brasileiros têm feito sobre o Movimento de Reconceituação, tem ficado cada vez mais evidente a influência da experiência de Belo Horizonte no Serviço Social crítico brasileiro. Essa experiência ficou localizada e datada na história, mas o que era fundamental e essencial ali não terminou, foi com a senhora para o CELATS, foi com os outros professores nas suas produções e atuações profissionais.

**Leila:** Sim, sem dúvida. Lembrando que Marilda Villela foi trabalhar no CELATS como investigadora, como pesquisadora junto com Raul de Carvalho. Da investigação surgiu o livro “Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica” que, sem dúvida alguma, é um divisor de águas na compreensão do Serviço Social como profissão inscrita na divisão social e técnica do trabalho.

**Entrevistadoras:** Então, a experiência de BH, ela não terminou ali, pelo contrário. Ela é considerada a primeira no âmbito da formação profissional crítica no Brasil. Tudo aquilo aconteceu como era possível acontecer no processo histórico, não é mesmo?

**Leila:** Claro, de certa forma foi assim... Devo dizer que, tanto na experiência da Escola em Belo Horizonte como na do CELATS em Lima, estávamos acima de tudo naqueles anos muito motivados pelos bons propósitos das mudanças sociais e éramos conduzidos, basicamente, pela coragem de nossas convicções e absolutamente convencidos de nossos propósitos. Tenho orgulho do realizado naqueles anos, não tanto pelos possíveis resultados que possamos ter tido, mas sobretudo pela atitude de luta, tenacidade e resistência com que enfrentamos nossos desafios naqueles obscuros anos.

**Entrevistadoras:** Foi muito generoso de sua parte repetir tudo isso e participar dessa entrevista. Obrigada!

### **Referências bibliográficas**

MENDES. D. L. P. *A virada crítica da formação profissional em Serviço Social no Brasil: o protagonismo da ABESS e os marcos históricos, teóricos e políticos*. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Faculdade de Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2025. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/19728>. Acesso em: 4 jun. 2026.